

Luzia Carneal

DIRETO
de intelectuaes
do
AMBZONIS
surprehendente artista

SEC-39592
-1057-



DE quantos, nesta terra, ainda desfraldam no azul a grande asa luminosa da Emoção e pôdem reivindicar, na heraldica transcendente dos sentimentos, o brasão desta «felicidade de admirar», que é em mim uma impetuosa necessidade do espirito, talvez seja eu o unico, que de publico ainda não articulára uma palavra sequer sobre esse subitaneo, desorientador phenomeno psychologico, que é a Arte de Yaya Castro.

Escrevendo estas linhas preliminares para uma collectanea do que até hoje se tem dito dessa miraculosa Artista, tenho no sangue o intimo calafrio de quem se aproximasse, tremente do sacrilegio, a tocar profanadoramente as coisas sagradas.

Acerco-me dessa formidavel Maga com aquelle espavorido respeito religioso, com que a Alma Hellenica se prostrava para escutar, do *Entheon* terrivel das sybillas, o edicto augural dos oraculos; e, nos deslumbramentos da minha visão interior, surprehendo-a, transido do panico arrepiante dos não iniciados, toda envolta no fumo votivo da tripode hieratica.

Ha, na genese psychologica de todas as vocações, como no advento imprevisto dos simples pendores, uma resultante de insuspeitadas e mysteriosas orientações electivas de potencialidades intrinsecas e extrinsecas, que são as influções ineluctaveis da hereditariedade e do meio social e climatico.

Dentro das pretenciosas velleidades quasi sacerdotaes de psychologos, com que intimamente se engalanam os de minha profissão, aos quaes o convivio quotidiano dos males physicos chega a desvendar, nas confissões de debilidades moraes e na involuntaria denuncia de táras

reconditas, essa fragil, essa dolorosa, essa complexa, essa tumultuaria Alma Humana, cresceu-me vaidosamente a ansia de comprehender, sob o angulo mediocre do que me parecia criterio normal, equilibrado, scientifico, a irrupção quasi absurda dessa Artista, que trouxe prodigiosamente, na sua Arte, o impeto mythologico de Athene, ao surgir, rebrilhando na face austera, como no elmo e na lança e no broquel resplandecente, da cabeça fulgurante de Zeus.

E defrontei estarecido o limiar de um mundo novo!

Recuei, nas inquietudes do meu pasmo, deante da escarpa da montanha inacessivel, deante do emmaranhamento inextricavel da tremenda selva impervia, que é essa grande, maravilhosa Alma feminina de Yáyá Castro.

Não ha raciocinar sobre o estranho caso!

Deante da Artista, falham todas as laboriosas construcções do Espirito, que se fundam em pretensas leis—leis aproximativas, entendese—de Psychologia Humana.

A critica intellectualista, ao geito de Hypolito Taine; e a critica impressionista, emocional, puramente esthetica, ao gosto de Vernon Lee, entenderiam e admirariam a Arte victoriosa de Yáyá Castro; apenas, se buscassem penetrar a intimidade do phenomeno, sossobriariam esvanecidas na bruma das conjecturas, porque esbarrariam com um phenomeno mais do que inexplicavel, porque é inconcebivel.

Sem mestres, sem estudos, a Artista excede de cem covados o meio em que vive, porque—e é isto aos meus olhos o que ella tem de mais estupendo—nunca, ao menos, viu obras de esculptura dignas do nome de «obras d'arte», que fossem, para sua esthesia magnifica de excelso poder latente, a impulsão primordial!

E fico-me a ruminar alarmadamente, no espirito deslumbrado, esta duvida conturbadora: se não será essa creatura, que ainda se esmalta do encanto de uma suave modestia, uma Alma

á parte no equilibrio cosmico, orientada ao sabor de rhythmos novos...

As pobrissimas, frustraneas pretensões de meu espirito, inflado de ridiculas vaidades, encolheram-se introrsas, para que surgisse sobrepairante a minha humilde e quasi mystica admiração.

Tendencias de analysta, imparcialidade de critico, fria capacidade de dissecção psychologica — outras tantas illusões, para logo evanescentes!...

Deante da estupenda Artista, só em mim subsiste a capacidade de admirar.

Desde o seu primeiro ensaio — um simples ensaio — que se exercêra na modelação de um busto meu — oh! o nobre, sagrado orgulho! — prognostiquei-lhe a real aptidão para essa Arte de plasmar, na docilidade da argilla, todo o portentoso polymorphismo da Natureza, desde a Alma simpes e crespuscular das coisas, até as intimas tragedias, que a musculatura de uma face humana póde exprimir.

E assim foi; e assim é, porque em cada um de seus trabalhos a extraordinaria e prodigiosa Artista affirma uma feição nova de seu genio sobrehumano...

E chamo-lhe «sobrehumano» no sentido de «divino», porque tenho a impressão, ao ver trabalhar a Artista, ao assistir ao labor milagroso de seus dedos creadores, que irradiam não sei que fluido fecundante, a animar de uma extranha vida mysteriosa a inercia da argilla, que sáo de suas mãos assombradoras pompeando no triumpho glorioso da Expressão Perfeita; tenho a impressão, dizia eu, de que assisto a um novo Genesis, em que insuflasse a centelha de um novo Dynamismo universal o *Fiat* creador de um Deus monstruoso e formidavel.

Adriano Jorge.

CORRE com o prestígio de uma parémia, assaz repetida, o conceito do escriptor que disse um dia: «a modestia é uma das formas do orgulho».

Todavia, offerecem restricções á sentença factos irrecusaveis, porque provados com o depoimento da Historia, de modestia verdadeira e real, verificados em soberanos engenhos, que jamais sentiram a grandeza da propria obra, mirando-a, ao contrario, com infinita tristeza, num frio indifferentismo sem impostura, muito de feição a desnortear os senhores psychologos,—raça de gabolas bastantemente ridicula, que se jacta de penetrar a alma de toda a gente e dizer com aprumo, cá fóra, o que por lá vae.

Um exemplo soberbo: Raphael.

Inteiramente ao revez de Cellini, que se enamorava dos mimos de ourivesaria burilados por suas mãos primas, desafiando, arrogantemente, a que lh'os imitassem os artistas de seu tempo, Raphael, glacial perante suas inconfrontaveis creações, emergias duma vibrante symphonia de côres, onde as toadilhas mais gradas seriam as linhas puras e as miudezas anatomicas, olhava-as sereno, alheio e insensivel ao retumbar dos louvores, sinceramente convencido da nenhuma supremacia artistica

do que chamava, com meiguice e singeleza, «as suas figurinhas». Cellini não transigia com seus gostos e forrava a independência de seu cinzel aos caprichos irrazoáveis dos papas; zumbria Raphael ás phantasias tanta vez insensatas da tiára, e sempre doce e cordato, concordava em suffocar as inspirações de seu genio. Quando a temulencia da gloria arvoava Cellini, transformando-o a um tempo em espadachim e artifice, a convicção do «nada» que são as obras humanas, clausurava Raphael na sua melancolia, illuminada de um sorriso de mansidão e scepticismo, que mais ainda a accentuava. Falhou, pois, a paremia em Raphael: nem sempre é a modestia uma das formas do orgulho, porque no altissimo pintor, como em tantos outros potentes espiritos, a desambição era real, sem calculo nem postura.

Acudiram-me estas reminiscencias a proposito da senhorinha Yáyá Castro, a joven e talentosa esculptora, em quem os panegyricos, qualquer que seja a trompa que os clangoreje, resvalam pela epiderme, não interessando nunca o tecido nervoso, nem oirando o cerebro de geito a aturdil-a, a desoriental-a com a commoção dos triumphos, a despersionalizal-o emfim. Seus gestos, suas attitudes, sua conversação na intimidade, são absolutamente os mesmos de antes, quando a «revelação» ainda não a tinha habilitado a ingressar na galeria illustre dos nossos artistas maximos.

Ora, isto positivamente assombra. Mas

assombra encantando, porque a modestia e a simpleza crescem o valor de quem, escalando a eminencia, não se deixa tomar da vertigem da altura, e fica sendo a mesma pessoa, com a sua affabilidade, a sua despretenção, os seus velhos habitos domesticos.

Deleita o espirito e faz bem á alma ouvir fallar a nossa distincta patricia da sua arte, da sua inspiração. Aquellas obras primas, que parecem haver sahido das mãos dum fabro sedento de perfeição e senhor de toda a complicada technica da esculptura; aquelle Camillo resurgido do barro, num estupendo prodigio de plastica, flagrante de verdade no cenho ao mesmo passo energico e manso, transverberando no olhar o contraste duma singular organização de féra e de pomba; aquelle Eça a sorrir, como um garoto divino, da burguesia lorpa que se estorce sob a acção de seu cauterio de ironias, purificador sem simile dos mendáculos sociaes; aquelle Dante, insolentemente feio, expressando na carranca que a ternura de Beatriz contempla, a intolerancia do caudilho politico e a implacabilidade da justiça vingadora, que flagella os precítos da gehenna; todas essas magnificencias de arte, que chumbaram em extase a numerosa legião dos que as observaram, são, na deliciosa modestia e no dizer ingenuo da senhorinha Yáyá Castro, apenas . . . os seus bonecos, cuja feitura lhe inspirara sua querida Virgem do Soccorro, num deferir magnanimo a

rogos multiplicados, por que lhe deparasse a protectora celeste um meio de auxiliar os irmãos, tão carinhosos quão moirejadores, na tormentosa lucta pela vida.

Esta explicação da genese da sua arte, só conhecida dos seus intimos, arreбата e impressiona fundamente. A suavidade mystica em que a illustre esculptora envolve o milagre de sua inspiração, daria margem a um grande capitulo sobre as maravilhas da fé. Não o tento, porém. Assigna-lo o facto e guardo no intimo as idéas que me elle suggere, contentando-me de certificar, ainda uma vez, o erro da paremia com que preludiei esta chronica e deixando no sacrario do coração da eminente artista, a crença, intemerata e pura, que ahi encontrei, com toda a sua embriagadora fragrancia.

Que a Senhora do Soccorro a guie e a exalte ás culminações da gloria.

João Leda.



OS meus amigos Domingos de Queiroz e Waldemar Pedrosa, num momento estranho de syncope do critério que consuetudinariamente os norteia, insistiram para que eu escrevesse alguma coisa a respeito dessa miraculosa artista que, incognita dentro da sua quasi delictuosa modestia, vive como entre nós viveu « o que morreu entre rosas » — encerrada na *turris eburnea* das suas magnificas visões, no desfructe dessa torturante delicia de contemplar a belleza dos seus sonhos d'arte, intima, avaramente.

Mas que direi da obra impressionadora de Yáyá Castro, cujo nascimento para as emoções do bello, longe de ser uma iniciação de neophyto, foi antes uma coroação regia? Que direi eu, que, desamorooso da critica, nunca revesti a alva do seu sacerdocio, por se não accommodar a essa forma literaria dos artistas que falharam, como eu, o meu espirito caprichoso e muito meu, em se tratando da estimação de labores artisticos?

De esthetica, só conheço a minha, personalissima.

De arte, só entendo aquella que me levanta n'alma como nuvem de lucida poeira, uma rajada de gratos alvoroços.

Comquanto não comprehenda a arte-espontaneidade, senão sim a arte-tortura, exige o meu espirito que a ancia do Perfeito na exteriorização das suas idéas, não as alcandore o artista ao cume de fazer da sua arte um deleite fundamentalmente charadístico, exclusivo de meia duzia escassa ds iniciados e quatro grozas folgadas de *snoobs*, para os quaes, num trabalho artistico ha tanto mais belleza quanto menos comprehensivel é a sua exteriorização. Não me commove a arte-esphinge nem me seduz a arte-moda.

Descuro de esmerilhar a technica com que o artista executa a sua obra. Attrae-me apenas o resultado, a obra terminada, a suggestão final.

Não me punge a necessidade de conhecer o *processus* pelo autor empregado para coordenar as idéas e dessa coordenação arrancar — thaumaturgo da Eterna Belleza — pela cruciante consumição do seu proprio eu, os magicos effeitos com que domina a emotividade de quem os contempla, ouve ou lê. Todos — artistas ou não — que tentam concretizar idéas, passam pela tortura dos mesmos garrotes.

Para a minha quasi mystica voluptia de admirar — miraculoso refugio em que asylei, corrido, a minha impossibilidade de causar admiração — basta a obra d'arte acabada, com a harmonia das suas linhas, o relevo das suas côres, o rythmo dos seus sons, traduzindo as idéas e as sensações pela expressão que mais faça valer, nas

minhas vibrações estheticas, a sua viva propagação; que com maior intensidade as impulsiona, afim de, dentro do meu eu, desenharem paizagens, evocar figuras, gerar pensamentos, em meio do torpor encantado do sonho em que me afunda com a sua incomprehensivel magia.

É, pois, dentro das lindes desta acanhada concepção de arte que ao meu espirito se apresentam os trabalhos de modelação em barro sahidos das mãos primorosas de Yayá Castro.

O primeiro delles, que data de quatro mezes apenas (de 22 de Agosto ultimo) é um busto de Adriano Jorge. Com traços de similhaça com o original, não sabe o meu espirito, avêssô á relatividade na avaliação de obras d'arte, nelle descobrir nem promessa nem revelação da artista que realmente é Yayá Castro. Em materia de arte, só o bello absoluto existe. *O modus faciendi*, a condição social do artista, a serie de circumstancias mais ou menos interessantes em que elle trabalhou, não os quero conhecer, ao apreciar o lavor que das mãos lhe sahiu. Assim, ouvindo uma *Grande Polonaise*, lendo um passo da *Divina Comedia* ou contemplando o portal de uma *Notre-Dame* e a indolencia fidalga de uma *M.^{me} Recamier*, não contribuem para a exacerbação da minha sensibilidade — tão pouco procuro conhecê-los — nem a idade nem o tempo de pratica technica dos autores.

Passo, pois, pelo busto Adriano Jorge

que unicamente representa uma nota de chronologia na vida da novel artista.

É do segundo trabalho em diante que o mundo de sensações estheticas, que ardem no espirito desse «lindo phenomeno», brota com uma potencia creadora verdadeiramente estupenda.

Fitae esse Camillo, o grande Camillo, modelado segundo um busto de autor desconhecido. Entre a copia e o original a similhaça physionomica é mais do que flagrante. Comtudo, aquella ao natural excede na expressão. No modelo, a curvatura fatigada dos ombros, o cansaço physico do olhar varando penosamente os aros dos nasoculos, attestam a enfermidade parando o movimento laborioso da fronte, dentro da qual se adivinha a modorra paralyzante do continuo perpassar dos annos silenciosos, que foram matando o brilho vital das idéas. É um gladiador decrepito que a ancianidade ankylosou. Dentro daquelle craneo nem resquicios sequér medram da memoria que apadroou aquelle luminoso espirito, para lhe accenderem a fulgida recordação dos seus triumphos de antanho.

Todas as brilhantes figuras que se lhe acunharam no cerebro durante o esplendor victorioso da sua virilidade literaria, esbateram-se, desmaiaram, perderam as trepidações luminosas que refulgiam no seu olhar aquilino de pensador.

Detende, porém, a vista nas linhas do trabalho surprehendente de Yáyá Castro. Nelle, todos os vestigios da velhice

recuam para um plano longinquo da nossa tela emotiva. Não dominam a totalidade das nossas multiplas impressões. Deixam logar a alguma cousa emanada das vibrações psicologicas da artista, uma traducção da pessoa espiritual que, d'elle, a concepção da autora creou através das obras literarias do grande escriptor ultramarino. Aquella fronte pejada de idéas polychromicas — ainda ha pouco, erecta em toda a consciante gloria do seu passado immorredouro — não a vergou a decrepitude, toldando-lhe a memoria com as brumas quietas das cãs. Ainda está cheia de todo o seu brilho immortalizador. Foi apenas uma lufada de pensamentos que a dobrou — talvez a que, levantando vortices, de sarcasmo, desenredou, em surtos dos mais acerbos, a obscura e pouco edificante genealogia da princeza Ratazzi, a « injeções hypodermicas de vitriolo ». O olhar parado não atravessa os aros dos nasoculos, procurando, no vão negro do tumulto de que se abeira, repouso merecido ás pupillas pejadas das sujidades terrenas que contemplaram. Projecta feixes de luz para dentro daquella alma de combate e de heroismo, a joeirar, na copiosa seara de pensamentos que borbulha de magica nascente numa abundancia tropical, os mais agudos, para azorragar, implacavel, o poeta de Trancoso; os mais formosos, para adornar as duas almas enamoradas de Simão Botelho. Mas, quando a velhice retratada em ambos os bustos, cujas características são perfeitas no trabalho de Yayá Castro, nos domina a attenção, so-

brepondo-se a outros mais fortes e imperiosos pormenores — casam-se, para precisar as duas visões artísticas, na comparação que se nos impõe irresistível, dous conceitos diversos, em benefício da artista patricia: — o busto original é a decrepitude de um homem; a copia é a velhice fecunda de um grande pensador.

A cada nova produção accentua-se insophismavel o temperamento de eleição de Yáyá Castro, cujo senso esthetico vibra intensamente na formação das visões internas que precedem a execução das suas obras. Em cada uma dellas ha uma quota personalissima da modeladora, um clarão subjectivo dessa scentella olympica que illumina o insondavel da belleza immortal.

Assim é que, para o busto do barão do Rio Branco, serviu-lhe de modelo — mais para o corpo que para a cabeça — um outro inexpressivo, obra de fancaria, infamia dourada, com capacidade justa para figurar no estuque alinhavado de uma fachada de predio para alugar. Para a modelação do rosto, serviu-lhe uma photographia e a concepção propria da artista sobre a figura masculina do chanceller, formada pelas successivas impressões deixadas no seu espirito pela obra gigantesca do grande brasileiro.

E dos seus maravilhosos dedos não sahiu um idolo barbaro, um côco por cabeça, de olhos sem expressão, dentro de cujo cerebro não lateja a vida no extase de ensolaradas ou tetricas paizagens. Sur-

giu — como Minerva da cabeça olympica de Jupiter — a alma do grande Barão corporificada em barro, com todos os traços synthetizadores da sua força intellectual segura, immutavel sobre a directriz lineada para a realização de uma grande obra; da vontade ferrea que recorta a personalidade inflexivel daquelle dominador de homens e até o semi-sorriso espiritualizado que affirma na sua distante ironia, como coroamento de um trabalho rigidamente orientado, a inutilidade dos esforços contrarios á resulta para a qual os factos provocados conscientemente vão por fatalidade concorrendo. Por milagre do extraordinario talento de Yayá Castro, a physionomia do Barão tem a mobilidade das cousas vivas alliada á mais admiravel exactidão anatomica do rosto humano. Em estranhos caprichos de luz, forma e posição, parece animar-se o barro e ora sorrir, ora fitar metalicamente um adversario invisivel, agora pesar consequencias, logo medir conceitos. Se attentarmos nas depressões divisorias das suturas entre o frontal e os parietaes, empolga-nos a illusão de um latejo férvido de idéas sob as bossas escalvadas do invicto diplomata.

Vem-me á lembrança uma observação de Yayá Castro reveladora da sua intuição e da sua intenção artistica. Pretendendo modelar o busto de Ruy Barbosa, ella exclama num surto de modestia, entre aterrada pela ousadia de seu talento e esperançosa pela possibilidade do seu triumpho: — Não sei como fazer aquella cabeça

formidável. E' preciso que eu a modele fervendo! . . .

Esta ebulição de idéas já se annuncia na frente dominadora de Rio Branco.

Após o deste, deliberara Yayá Castro moldar o busto de Rabindranath Tagore. O seu cerebro estava todo impregnado, molecularmente cheio da visão do famoso poeta hindú a cantar-lhe dentro da alma seduzida pela musica dos seus olhos sonhadores, da sua revolta barba de apóstolo, de toda a sensação de arcano que se filtra daquella figura estranha que parece guardar toda a mystica tradição da India misteriosa dos brahmanes e dos fakires. A pedido, porém, de um amigo, teve de relegar para mais tarde a sua realização em beneficio de um busto de Eça de Queiroz, que durante noventa e seis horas lhe occupou as mãos e o espirito.

Communicando-me isto em palestra, disse:

— Estou trabalhando no Eça, mas sem entusiasmo. . . .

Ao meu gesto de espanto deante da heresia, accrescentou explicativamente:

— E' um intruso. Não era a vez d'elle.

Compreendi, então, as raizes profundas daquelle desprendimento extra-commum pelo busto de uma das mais proeminentes e singulares figuras das letras de ultramar. Era um intruso, apesar de todo o seu estupendo valor, porque veio perturbar outra visão que a artista laboriosamente delineara. Era um hospede importuno, um sonho

bello, mas exótico, cujos contornos, confundindo-se com os do outro já albergado, esfumava-se e esfumava-o. Sim, não era a sua vez, porque Yáyá Castro não é uma operaria, é uma artista. Foi, pois, necessário um grande numero de horas de contacto com esse sonho perturbador, para que elle dominasse o seu espirito sollicitado por duas impressões differentes e tentadoras. E, ao cabo desse tempo, os seus dedos param distensos, como os seus olhos extaticos de admiração, ante a maravilha que acabavam de moldar na plasticidade do barro — um Eça encantadoramente inédito pela expressão physionomica, pelo desafogo da posição classica dos seus retratos, com o seu sorriso de ironia tornado mais intimo pela enfermidade, um Eça quasi moribundo, mais vizinho da immortalidade que o doura, prodigiosamente real na tuberculose que o mina, levantando-lhe os ombros, roendo-lhe a carne, tingindo-a desse pallor entre romantico e mortal, dando-lhe ao olhar que ainda tenta sorrir a expressão calma de contemplação do bello universo que creou em seu intimo, tão differente deste mundo externo que o faz sorrir, com ironia ainda, mas adelgada por uma infinita bondade. Dir-se-ia que a sua pallidez é o reflexo desbotado do crepusculo violaceo que lhe vae n'alma tingindo de uma poeira de luz a magnifica paizagem das suas chimeras, que não conseguiu realizar. E disso soffre, porque sonhos são embryões de maguas.

Já um segundo busto, terminado em

oito horas de trabalho apenas, apresentamos o mesmo escriptor em plena vida, em plena fé ardente na possibilidade do seu sonho em construcção; mas observando o mundo objectivo em toda a sua hediondez, e d'elle tirando os contrastes com que vae architectando a belleza da sua magica phantazia.

E tudo isso, toda essa galeria de arte, produziu-a Yáyá Castro com seu prodigioso instincto, sem mestre, sem conhecimento de anatomia artistica, sem a technica do officio, unicamente por seu genio.

Não serei eu quem faça a critica da obra surprehendentemente phenomenal de Yáyá Castro. Consultando, porém, a natureza e a intensidade das minhas pessoas impressões, não minto com affirmar que os seus trabalhos não são promessa de arte, mas arte acabada.

Yáyá Castro, como disse Raymundo Monteiro, não ensaia — termina.

JOÃO DA RIBEIRA
(*Coriolano Durand*)

AS sensações centripetas, isto é, as que veem do mundo natural são infinitas, e por toda parte sentimo-las tanto nos aspectos variados das paisagens magnificas dos sertões, como nos mares, nos céus e nas cambiantes mysticas dos arrébóes. A tristeza sentimental da tarde; o dó profundo e egregio das cousas mudas; a nevrose que desperta, na folhagem, o sopro suavissimo do vento; o deslumbro supremo das manhans de ouro; o balanço morôso dos juncaes empenachados; o goso ideal da sensação que o frio faz surgir e nos vem ferretoar a carne; o horror sentido ante o horrivel e o grotesco; o affecto que o nosso espirito sente ante uma VENUS de PHIDIAS ou de PRAXITELES, ante as bellezas soberanas de ANACHREONTE, toda essa série de cousas boas e eloquentes traz ao espirito humano a idéa, o enthusiasmo, a concepção e um estase que arreбата, fazendo nascer e surgir a admiração e o enthusiasmo pelo marmore, ou pela obra prima creada pelo genio do artista.

A esculptura e a pintura que tanto os gregos alevantaram, fazendo sahir do marmore todas as scenas da antiguidade hele-nica, — as scenas terriveis e phantasticas das vinganças e dos pugilatos, as scenas plas-

ticas dos frontões de EGINE, ATENA DE ENDOIOS, a estela de ARISTIOS, e as esculpturas de DELPHOS e de OLYMPIA, — vieram a ter sempre aquelle aspecto severo e encantador da estatuaria de ANDRÉ VERROCHIO, MIGUEL ANGELO, LEONARDO DE VINCI.

BACON quando disse que a arte era o *homo additus naturae*, chamou-a a revelação mais nobre do espirito, sentida e reproduzida segundo as impressões e o genio.

Aquelle preceito do sabio professor inglez está, em todo, na arte de Mlle. Yáyá Castro, — arte esta que me assombrou, quando, há dias, numa dessas humidas noites de inverno, ás primeiras horas logo apoz a um pôr de sol plumbleo e pesaroso, — errante como o judeu da antiquissima lenda aryca, — entendi que devia ir ter ao studio da esculptora patricia Melle. Yayá Castro. O aspecto sombrio da sala onde se ha dito as maiores palavras de elogio á cerca da revelação do seu grande talento artistico, — estava todo cheio da eloquencia sentimental de um silencio profundo de bucolismo.

Arrastado pela minha curiosidade quiz conhecer do talento potencial, do valor natural e artistico dessa creatura extraordinariamente candida, que concebe e produz, e faz nascer do blóco de argilla as attitudes, os gestos, as imagens, imprimindo até os sentimentos, as feições do homem, ou do barbaro, do sêr abjecto, ou das

santas. Curioso, conheci um bello exemplo de artista. E tão grande foi o meu entusiasmo que até quiz cantar um hymno de glorias forte e onnisono. Vale, incontestavelmente, um formidavel poéma a arte espontanea de melle. Yayá Castro. Não ha somente as bellezas dos pennachos e das cabeleiras, das roupagens e dos galanteios,—ha uma graça gloriosamente artistica dotada pela natureza,—ha um encantamento profundamente eloquente e uma extraordinaria revelação do genio magnifico de RODIN.

Melle. Yayá Castro, maravilhosamente espiritual, ternissima, dotada de um talento luminoso, possui a exaltação de uma artista e a ternura esplendida de uma alma contemplativa.

Não podia eu deixar de fallar assim, mostrar o meu entusiasmo, a minha admiração pelas gentilezas, caricias e esquivanças dos trabalhos ardentes da illustre artista.

A eminente *Genial*, é uma creatura risinha, e que, atravez de um riso franco, mostra uma suave tristeza de alma bondosa, que faz perpetuar, em attitudes serenas, o espirito humano, nas fórmás arrancadas do cinzel, a golpes de genio. Ella é serena, apresentando sempre illuminurias de alma bondosa, na sua physionomia calma, quieta de mulher delicada, affeita ás miniaturas de octogenario benedictino.

A sua arte é photographia apanhada por uma dupla-anastigmatica; é impetuosa no talho certo e correcto das feições e das attitudes, dos géstos sinceros e fortes, elo-

quentes, elegantes, plasticos e arrebatadores.

A technica vibratil e enthusiastica exprime a revelação de um formidavel GERMAIN PILON. Em cada olhar de um busto seu, ha uma graça de JEAN GOUJON; em tudo, aquella tristeza que symbolisa os marmores de COUSIN. Tudo, em seus trabalhos, encanta, revela uma alma dotada ao talho dos bronzes e ao córte do marmore. *Camillo* está amoravelmente ingenuo, calmo, olhando atravez das lentes convexas dos nasoculos, absortamente perdido, exquisitamente somnolento. E' um grande estudo aquelle de *Camillo* a pensar, recolhido, comovido.

O busto de *Rio Branco* está maravilhoso; monstruosamente maravilhoso; so falta fallar; até os nervos vibram naquella obesidade dos tecidos gordurosos da papada do excelso estadista patrio. Atravez da calma que se nota nesse trabalho; percebe-se o sorriso suave que *Rio Branco* sempre tinha á flôr dos labios. O *Rio Branco* de Melle. Yáyá Castro tem dois aspectos: — ora se observa as feições austeras de um profundo pensador; ora sente-se o encantamento de um leve sorriso de ironia finissima.

Todas as linhas desse busto estão traçadas á maneira de PUGET; tudo eminentemente nobre e puro; esplendido typo de estatuaria, calmo e tranquillo, soberanamente egregio.

O sentimento apaixonado da inspiração artistica de Melle. Yáyá Castro, é vibrante, ardente, enthusiastico, cheio do bello e da

technica complexa das linhas naturaes. A manifestação do genio de PEDRO AMERICO foi demonstrada, quando o genial auctor da PAZ E CONCORDIA, traçava ligeira e decisivamente, a carvão, a figura de um pachydermo.

Quem, a traços de carvão revelou um genio, deve ser inferior ao genio que se revela com as fórmulas humanas arrancadas, instictivamente, do blóco de barro, sem nunca ter alisado os bancos da escola de bellas artes.

Por ser expontaneo e, positivamente nato, o sentimento de arte de Melle. Yáya Castro é que são admiraveis os seus trabalhos, tocantes e fortes pela interpretação e pelo movimento que ella sabe dar ás suas esculturas. Demoiselle é uma revelação; e eu sonhando com a sua victoria, estendo daqui as minhas palmas sinceras e leaes, porque quero concorrer com a minha prece, ao estrondoso successo que vae ter no *Amanhã* a arte da Patricia Gentil.

11—921.

André de Araujo

OS trabalhos de escultura de Yáyá Castro surgiram, em nosso acanhado ambiente artistico, como uma sublime revelação: são obras de arte authentica; irradiam genio.

De como lhe surgio essa maravilhosa faculdade de moldar, na plasticidade da argila, com surprehendente capacidade creadora, figuras palpitantes de vida e de emoção, não nos sabe ninguem dizer, nem os seus intimos, nem ella propria. O que todos vêem, porque se evidencia á radiosa luz meridiana, é que ella se affirma artista consumada. Como se fez? Ninguem ousa, nem pretende explicar.

Á mulher genial, cuja cerebração portentosa nivelou a potencia mental dos dois sexos, Clémence Royer negou a revelação, num arrebatamento apaixonado de fanatismo quasi religioso pela concepção evolucionista, essa outra forma de methodismo, de orthodoxia, que, com a estrutura de fascinadora construcção philosophica, assentou em dois pilares gigantescos — Lamarck e Darwin.

Si a viu florescer em sua *grandeza*, não foi dado áquella mulher singular, como suprema desolação para o seu espirito saturado de convicções philosophicas, assistir

á *decadencia* da engenhosa theoria transformista, que lhe dera armas para negar o que ella chamou a *revelação inconsciente*, em antithese á revelação racional e consciente, que a sua doutrina, com outros tantos dogmas irreductiveis, ensinava e explicava.

Em nome de muitas theorias decrepitas, entretanto, aprendizes mais radicaes do que em vida o foram os mestres que as crearam, negam ou affirmam factos, com uma auctoridade infallivel e impeccavel.

Para aquelles que padecem da tortura de tudo explicar no dominio biologico, embora com theorias hypotheticas e até mesmo absurdas ás vezes, grande valia offerece, para interpretar este assombroso phenomeno psychologico que ora nos preoccupa, a theoria da *transmutação das especies*, de Hugo de Vries.

O sabio naturalista hollandez, derruindo o preconceito do *natura non facit saltum*, demonstrou experimentalmente que de uma dada especie fixa, podem surgir bruscamente especies novas.

Procurando explicar, sob o influxo dessa theoria, a aptidão prodigiosa de calcular, que aos seis annos revelou Jacques Inaudi, assombrando aos onze annos, com as suas phantasticas operações de calculo, os membros da Sociedade Anthropologia de Paris, o Professor Metchnikoff compara o desenvolvimento brusco e expontaneo dessa faculdade, no espirito do pequeno italiano, com o apparecimento de novas

qualidades anatomicas em determinada especie biologica.

Nem preciso é, para definir o caso impressionante de Yáyá Castro, recorrer a transcendentales indagações que enxamearam em torno de um caso suggestivo e empolgante. E' este:

Um grande dramaturgo francez, cujas peças theatraes são consideradas, pela critica, de elevado alcance philosophico, e servem a primor o paladar requintado da platéa parisiense, esse que é um dos mais aureolados auctores de dramas modernos, escreve-os de maneira original e curiosissima, por forma a interessar todos que estudam psychologia normal ou pathologica. François de Curel produz os seus trabalhos de modo quasi automatico, meio inconsciente, emquanto desvia a sua attenção para pessoas da familia, visitas, serviçães, como si operasse aquelle acto no dominio do sub-consciente, num flagrante desdobramento da personalidade.

Yáyá Castro não age com esse automatismo quasi inconsciente, com esse alheamento da personalidade volitiva; não módelá os seus bustos com esse desinteresse, esse desprendimento que permitta acreditar numa operação da esphera sub-consciente; não. Ella estuda dedicadamente os seus modelos, analysa-os até as mais obscuras e desfarçadas minucias; interessa-se vivamente pelos elementos objectivos subsidiarios, detalha, esmerilha; amplia a sua propria visão com auxilio de lentes; apaixona-se

por tudo quanto diz respeito á obra; e faz de suas copias verdadeiras creações.

Este é o traço fundamental de *sa manière*; as physionomias que esculpe, divergindo abertamente dos modelos, lhe saem taes quaes devem ser psychologicamente. E eu não sei si Yayá Castro, fixara, da vida e das obras de Camillo Rio Branco e Eça, a essencia do modo de sentir e de pensar de cada um delles. O seu trabalho parece ser a resultante de uma intuição extraordinaria, sobrenatural, miraculosa, que a illumina e guia.

Fica-se, pois, para procurar definir este caso phenomenal, entre a concepção de Metchnikoff, acceitando que podem surgir bruscamente novas faculdades psychicas, assim como derivam especies novas de outra preexistente—o que demonstra o facto mas não n'õ explica—e a hypothese de uma revelação.

Repete-se que o « genio é uma longa paciencia » (Buffon), ou uma « persistente meditação » (Newton); mas os esthetas accordam em reconhecer que o genio artistico « não é outra cousa senão o proprio phenomeno da emoção se produzindo numa organização ao mesmo tempo mais impressionavel e mais poderosa do que de ordinario ». Não se poderá confundil-o com o talento: « Consiste este numa superioridade adquirida, ao passo que o *genio* tem alguma coisa de mais intimo, de mais espontaneo ».

Yayá Castro surge-nos, de um mo-

mento, feita artista, numa apparição surprehendente. A sua obra não é o producto de « uma longa paciencia », mas já vae sendo o expoente de « uma persistente meditação »; revelou-se a artista sempre uma organização impressionavel e eminentemente emotiva, e, de modo expontaneo e subito, apparece-nos agora com uma faculdade artistica de potencia creadora, sem apprendizado preparatorio, sem mestre, sem inspiração professional a orientar o seu vôo, sem aquisições anteriores methodicamente estratificadas. Caracterisa-se, define-se o caso, cuja explicação nos escapa, uma revelação de genio.

Maravilhosa e expontanea a sua arte, Yáyá Castro está fadada a realizar uma obra pessoal, independente, autonoma, emancipada dos vicios que impõe o *despotismo* academico, isempta de preconceltos e artificios escolasticos, fóra da orbita estreita que draconicamente circumscrevem os limites hieraticos ou *canones*.

*
* *

O espirito da esthetica moderna, no dominio das artes plasticas, desenvolve-se desde algum tempo no sentido da *expressão* e do *movimento*.

Emquanto a arte antiga, alcandorada na imponencia da estatuaria grega, visava sobretudo o ideal da belleza physica, inspirando religiosamente aos hellenos o culto da natureza humana, e era, portanto, essencialmente objectiva; a esculptura moder-

na, desde Miguel Angelo, se orienta para a exteriorisação do *sentimento* e do *pensamento*, evoluindo racionalmente para o domínio subjectivo e realista.

A evolução não foi sempre victoriosa. No transcurso das edades, com a decadencia da cultura physica, degradou-se a esculptura, até rebaixar-se ao bysantinismo do Seculo XI.

Restabelecido na Renascença o prestigio das Artes do Desenho, ella readquire o seu progresso, até attingir o periodo em que devia ser inspirada pela idéa e pela emoção.

E' a expressão dos pensamentos e dos estados emocionaes o escopo da estatuaría moderna.

Não só a anatomia e a physiologia ficaram sendo os legitimos instrumentos do estudo artistico da natureza humana, mas acima de tudo a psychologia, desde quando se firmou, com Piderit e Darwin, que « as expressões mimicas habituaes traduzem emoções e sentimentos ». E isto continúa uma verdade, apesar das restricções de George Dumas.

Poude-se comprehender então que muito mais vale, á visão do observador, o senso psychologico, a vida interior que externam os signaes visiveis no desenho physionomico.

A Arte passou a ser a expressão fiel, eloquente, suprema da vida subjectiva; e verdadeiro artista o que, se preocupando menos com a justeza mathematica das pro-

porções, mostra-se capaz de traduzir na expressão exterior as modalidades do «sentir» e do «compreender». Artista é quem menos se inspira no *bello physico* e mais no *bello psychico*.

Yayá Castro tem o dom de imprimir ás physionomias uma expressão mental, psychologica, de um realismo palpavelmente definido. Preocupando-se apaixonadamente com os elementos objectivos, dá-nos uma obra accentuadamente subjectiva, moral.

Todos quantos têm acompanhado os seus surtos victoriosos, indagando dos elementos materiaes e procurando estabelecer a relação e semelhança entre elles e as obras realizadas, chegam á evidencia de que estas se produzem quasi á revelia dos modelos.

Yayá Castro não copia; dá-nos creações.

Do modelo de um Eça agudamente ironico, quasi escarnecedor, crêa, num busto pequeno, um Eça de traços fortes, energico, sadio, quasi aggressivo, plethorico de ironia dilacerante — o Eça das «Farpas», dos «Maias», da «Reliquia»; e, no meio corpo, dá-nos um Eça enfermo, generoso, de sorriso suavemente ironico e compassivo, de semblante acolhedor — o Eça de «A cidade e as Serras», restituindo pela enfermidade ás saudades e tradições da familia, e reconciliado com a Mãe-Patria.

São, pois, inspiradas pelo mesmo modelo, duas legitimas creações.

Essa faculdade de imprimir á face a expressão real da vida intima, psychica, mas sobretudo emocional, accentúa nas produc-

ções de Yayá Castro um cunho de obras intensamente commovedoras.

Sente-se bem que as suas estatuas vivem na movimentação physionomica, na instabilidade daquellas expressões mimicas, que nos dão a quasi certeza de que o barro pulsa numa palpitação de vida, mas acima de tudo na irradiação de um olhar illuminado, que ella sabe arrancar da obscuridade de uma depressão cavada na argila.

Comparando com o busto de Eça que ella modelou, o de Bordallo Pinheiro damos a impressão de estar cego, com os olhos vasados. O contraste é chocante.

Iniciada nas copias, Yayá Castro exhibe, por um phenomeno psychologico que o entendimento mais sensato relega para o dominio sobrenatural, verdadeiras creações, palpitantes de vida e de intensa emotividade.

Proseguindo na sua trajectoria genial, e na cadencia do rythmo de sua alma superiormente inspirada, Yayá Castro dar-nos-á obras de imaginação, creadas atravez de sua hyper-sensibilidade privilegiada, e vibrando harmoniosamente na eurythmia da Arte pura.

J. F. de Araujo Lima



A PRECIAMOS semana passada, n'um dia de sol esplendente, na residencia Godofredo de Castro, transformada n'um tabernaculo de arte, os magnificos trabalhos de estatuaria da senhora Yáyá Castro. Um lembrete telepathico surprehendente accionou-lhe, em realidade indestrutivel, os adormecidos pendores artisticos.

Ve-se, ali, logo á entrada do Santuario recatado, como a apregoar a superioridade das mãos predestinadas que as manusearam, o busto de Rio Branco, com aquelle olhar dardejante e autoritario e aquella fronte cravejadas de rugas imponentes, trabalhadas pela intensidade da meditação Protrahida, sobresahindo as da região da raiz nasal que, ao esculpir, houvera, decerto inspiração de mestre. Carece somente da Keratine da pelle, como diria Goethe, para imaginar-se sem presença do grande chanceller.

Uma photographia de Eça de Queiroz induziu-a á *maquette* do mestre, tão perfeita, tão cheia de sabor da verdadeira feitura artistica sahira com a *facies* do volutuoso insofrido, dir-se-ia a individualidade palpavel, tanto que um admirador de nosso meio, adquiriu-lhe o monoculo caracteristi-

co por interpretar, sem jaça, o insigne manejador dos Maias. Castello Branco, também ali se adora e se adorna, em a sua curvatura beatifica, no apuro esthetico dos modelos de elite.

Na volupia incontida do nosso pasmo artistico, tão nosso como de outrens a curiosidade insopitada faz borbulhar, n'um cicio crescente, mma pergunta anciosa que se espraia n'uma prece requintada de fidalguia senhoril.

Como surgiu em nosso meio quasi esteril e desanimador tão formosa intelligencia de estatuaria, assim, espontaneamente, em a naturalidade de quem entretece uma vulgar occupação domestica? Que espirito mirifico a inspirou e lhe traz, de continuo, o adminuculo do seu condão extraordinario? E' essa a indagação de quantos lhe ingressam o studio do atelier e n'um aneio commovente buscam a explicação da incommum capacidade.

Admiravel é, realmente, assistir a desenvolução artistica de quem n'unca teve noções de esculptura, nem sequer as mediocres officinas percorreu e de um momento para outro, como influenciada pela musicalidade divina do SURGE ET AMBULA, revela-se esculptora, faz-se artista applaudida e eximia a quem a carencia dos apetrechos profissiodaos não lhe fazem móssa. Acreditamos estar em presença de uma qualidade que começa de despertar para as conquistas de louros.

Ha, na humanidade, um grupo selecto,

nascido com a tendencia especial, com a inclinação irremorivel para uma sciencia ou uma arte. Newton com sophia Germain criaram-se para mathematicos como Lavoisier e Madame Curie para chemicas. Está hoje, scientificamente provado que nenhum dis-crime differencial existe entre os cerebros masculino e feminino. Apenas adaptações differentes entre um e outro fizeram suppor, na mulher, uma inferioridade apparente que os degenerados das lettras, imbuindos de uma falsa sciencia, glosaram em todos os tons.

Para os grandes surtos utilitarios tão bom apparelho transmissor é o cerebro masculino quanto o feminino e já foram comparados, por si mesmo, embora grosseiramente, com o mecanismo de um telegrapho sem fios.

As vezes, da-se o entrave de um accidente com um individuo e ingenuamente nos vem relatar que, ao sahir de casa, ou algumas horas antes tivera um presentimente ou um aviso mysterioso do que lhe iria acontecer. Doutras feitas, passa-se o contrario, um amigo é favorecido por uma ventura da qual, muito antes, tivera um reclamo especial, As surpresas não existem, pois, para as organizações privilegiadas. São os signaes telepaticos.

As abusões e superstições, muito commum entre os romanos antigos tem hoje cabal explicação com os modernos conhecimentos de telepatia. Muita vez se manifesta o choque telepathico sob a forma de um prurido, de um signal especial.

Outras vezes se apresenta sob a forma de verdadeira voz humana. Nos genios é este o signo preferido. Foi o que succedeu com moysés quando ouvira aquellas palavras: vai e guia teu povo a entrar e possuir essa terra... ou com S. Paulo, o fundador do Catholicismo, quando ás ouças, lhe chegarem as ordenações imperiosas de eximir-se da perseguição aos christãos e ir propagar o evangelho que elle proprio fundara. No periodo theologico, porem, em que viviam esses genios e penetrados ainda dos mysterios da epoca, explicaram esses phenomenos como um edito de Deus que, assim, lhes fallava.

E' portanto pela telepatia, phenomeno á semelhança do telegrapho sem fios, nada tem de myterioso que se comprehende a maior parte das demonstrações, ditos espiritos. Somente esses annuncios não lhe manifestam na totalidade dos homens porque o apuro da receptividade é igual a genealidade, predicado de uma minoria insignificante. Intere-se, pois, actuando num cerebro que já traz em si a bossa esthetica ingenita, certamente, fará explodir uma manifestação artistica até então occulta, Foi o que despertou a senhorita Yayá Castro. Aquella inspiração subita de manejar um busto de uma pessoa cara foi bem um choque telepatico:

A genialidade subordinou-se ao choque e venceu porque vence quem se subordina racionalmente. Não somente venceu como aperfeiçoar-se-á, isto é, attingirá o climax

do desenvolvimento, porque a perfeição é também consequencia ponderada da sujeição intelligente. Analysando-a, porem, embora no espaço de 5 minutos em que tivemos a felicidade de lhe apreciar as feições artisticas não nos enganamos em dizer que a senhorita Yáyá Castro traz em si a bossa artistica ingenita.

Bichat, baseado nos estudos de Gall, certamente nol-a mostraria com grande facilidade. Aquella tez pallida, o olhar contemplativo, duma doçura escravizante, reforçam ainda aquella affirmativa univoca.

Ha, dentro della, uma preocupação superior pela esthesia das coisas sublimes. A presença de um estranho não lhe desperta o exame pueril da indumentaria, o correr dos olhos de alto a baixo, dos sapatos ao chapéo, como os typos vulgares paludade de apparente superioridade esthetica.

A senhorita Yáyá Castro vive para a arte, só pensa na arte, adorna-se de arte. E' uma alma egregia, que a mesquinhez profana de um meio precitos, não consegue degradar.

Guilherme Victor.

NÃO foi por um requinte de inspiração romântica que José de Alencar, no prologo de seu livro *Iracema*, referindo-se ás irradiações do sol tropical, disse que ellas produzem o diamante e o genio.

A evolução nortista, revelando-se na sciencia, nas artes e nas lettras, tem demonstrado, de modo evidente, que a phrase do grande escriptor patricio envolve uma realidade.

No caso vertente a gloria cabe ao Ceará. Trata-se de uma joven filha dessa encantadora terra, a senhorinha Yáyá Castro, em quem a nossa sociedade vê reflectir a imagem de um dos seus mais bellos ornamentos.

Possuidora de uma vaga educação artistica, eis que, de repente, a joven patricia se nos apresenta como uma admiravel esculptora.

A noticia correu celeremente. A curiosidade publica vislumbrou, admirada, e não houve espiritos que não meditassem na operação desse milagre para nós quasi raro, porque em verdade, a esculptura nunca teve época em nosso meio artistico.

Os primeiros trabalhos de Yáyá, expostos em sua residencia, á avenida Edu-

ardo Ribeiro, são o testemunho da predes-
tinação de um genio.

Na sua estréa, a joven não procurou o cinzel nem a pedra bruta que o artista aformoseia e transforma reproduzindo vultos ou esculpindo figuras symbolicas. Serviu-se apenas da nossa vulgarissima argilla; conhecida por *tabatinga*, conseguindo, com essa massa, fazer verdadeiros monumentos de arte.

Os seus mimos, trabalhados a dedo e retocados com o emprego de objectos de uso domestico, na falta de materiaes apropriados, são de uma fidelidade que extasia; de um lavor que encanta; de uma expressão que domina.

Vi-os em casa da joven patricia, a convite do maestro Joaquim Franco e, confesso, que fiquei orgulhoso por saber que o Amazonas já tem uma esculptora, mas esculptora privilegiada, porque não é um producto do estudo e sim dessa tendencia irresistivel com que a natureza improvisa genios.

Na reproducção, Yayá é admiravel. Dentre os seus trabalhos, ha dois bustos de Eça de Queiroz que parecem a propria imagem do saudoso autor da *A Reliquia*. Num, quasi em miniatura, Eça apparece com aquelle porte insinuante como o de quem posou deante de um photographo: physionomia alegre, olhos vivos, labios semi-abertos, deixando transparecer os bellos dentes, através d'aquelle sorriso natural, que parecia falar de uma alma essencial-

mente talhada para as delicias da vida. No outro, em tamanho regular, o estylista lusitano se nos apresenta com a face reclinada sobre a mão esquerda, tendo a mão direita apoiada sobre um livro. O seu aspecto physionomico é um vislumbre de expressão, lendo-se nos olhos a meditação de quem está conjecturando idéas no recolhimento de um gabinete.

O busto do barão do Rio Branco é outro mimo de arte. Yayá fel-o com esmero, modelando nitidamente a effigie do saudoso chanceller com as suas feições naturaes, as suas linhas anatomicas e o seu olhar grave e reflectido.

Não menos digno de apreço é o busto de Camillo Castello Branco. Sente-se alli o capricho da arte imprimindo ás formas esculpturaes do semblante aquelle ar severo e aspero do primoroso escriptor, misturado com o amargor da tortura de si mesmo, quando a cegueira e o infortunio o surprehenderam na velhice.

Outros bustos que se recommendam, por sua estructura artistica, são de Adriano Jorge e da menina Marfisa Araujo.

Mas, em verdade, a obra mais apreciavel da talentosa patricia é a que representa Dante Alighlieri ao lado da sua formosa Beatriz, tendo esta a cabeça reclinada sobre o peito do genial poeta italiano.

Nesse monumento, ideado pela joven esculptora, Dante revive com tanta expressão, que é impossivel se imaginar um trabalho mais apurado. Parece que, no con-

juncto physionomico, a argilla envolve a propria visão do sonhador divino. A disposição das linhas, o aspecto do semblante, a maceração das faces, a concentração vaga e sombria dos olhos a evidenciar que alli boiam sombras de melancholia, tudo isto define a perfeição moral e typica do poeta, a expressão eloquente da sua alma quando sentiu a effervescencia de um amor sublime e por elle imaginou aquelles episodios tragicos e sublimes que se condensam nas paginas de ouro da *Divina Comedia*.

A esses mimos admiraveis da joven patricia, vae juntar-se um outro de almejado labor, o busto do presidente Epitacio Pessoa, que ella está reproduzindo de uma photographia que lhe foi enviada pelo proprio estadista.

Terminado esse trabalho, Yayá irá ao Rio com o fim de concorrer, com o seu conjuncto artistico, á exposição commemorativa do centenario da nossa independencia, provando assim que o Amazonas contribuiu brilhantemente para o exito do grande certamen.

E Deus queira que, na hora da consagração aos meritos da joven artista cearense, a imprensa carioca não se esqueça de dizer ao congresso nacional que, premial-a com uma subvenção, para aperfeiçoar-se nos segredos da esculptura, é prestar um relevante beneficio á arte nacional.

Joaquim Gondim.

QUANDO a primeira vez defrontei a incipiente arte de Yáyá Castro, revelada a si mesma por um milagre de sentimento, só o grande Camillo, com o olhar maguado e profundo de leão dolente, lhe brotára das mãos creadoras.

A fronte lateja na immobilitade daquelle barro; os olhos olham e brilham, dentro da pupilla escavada, traduzindo a pujante força reflexiva, o arrojo de imaginação, a alma soffrida e revoltada do admiravel escriptor, que parece apanhado num momento de ebulição intima, de fecundo ardor cerebral, e resurgido ao chamado imperioso de um *surge* divino.

Poucos dias depois fui ver o Barão, e lá o encontrei, como o encontraram quantos o viram, com o seu grande ar acolhedor, simples na sua majestade, e tão redivivo como os demais tocados pela mão miraculosa da artista genial, que, para improvisar-se perfeita, exhibindo a um tempo irreprehensivel precisão de modelagem, ainda nas ultimas minucias, e aquella portentosa força animadora de suas creações, que se afiguram dispostas a dialogar com o observador, prescindiu de todo aprendizado, como de cinzel ou de quaesquer

instrumentos, a cujas funcções adaptou objectos tósquissimos.

Artista que nasceu, foi-lhe indifferente ao surto prodigioso a falha total do meio, onde sua capacidade brotou com o exotismo de uma grande flor de tropico, que, desdenhosa do calor da estufa, assombras-se o gelo dos polos, desabrochando em ceo aberto com a pompa de seu esplendor equatorial.

Em cinco meses Yáyá Castro expõe uma primorosa galeria de typos variadissimos, arrebatando com a subjectividade do cinzel, que enche de mystica pureza o semblante de Tagore, do divino horror do Inferno o Alighieri, a quem o olhar da Beatriz parece aureolando, ou explode na dupla figura de Eça de Queiroz, duas vezes modelado e apanhado com flagrancia em dois momentos diversos de sua complexa psychologia: um, de stylo apontado, agulhando os delictos, as eivas educacio-naes da sociedade portugueza, é o Eça d'«Os Mais», o pae do João da Ega, o terrivel critico, o ironista mordente, que mal se concebe como traçara a veneranda figura do velho Affonso da Maias; o outro, o reconciliado com a terra do berço, o enfasiado dos europeis do *boulevard*, que sorri docemente aos ares puros e amenos de suas serras e á singeleza casta da mulher aldeã.

Mas faltava-lhe dar aos admiradores testemunho mais inequivoco da fidelidade de sua arte: faltava-lhe esculpir alguma fi-

gura actual, cuja reproducção lhe testificasse a todos os olhos a extraordinaria faculdade modeladora.

Solicitára ella ao presidente Epitacio photographias de face e de perfil, que a habilitassem a tirá-lo vivo do barro bruto e distante do Cacáo Pirera.

O presidente foi primoroso. Na primeira mala após o correio portador do pedido, vinham os retratos de mestre Epitacio, que, cinco dias depois de encetado, estava prestes a enfileirar-se entre os demais da galeria. Moldava-o a artista ás occultas, empenhada em se lhe não violar o mysterio da nova criação, antes de ultimada.

Por que hão de ser os artistas assim?

Miguel Angelo trancou-se na Capella Sixtina, emquanto para ella transplantava os maiores dramas do Genesis, naquella exegese immortalmente animada, que ha de por todo o sempre volver para o Vaticano as extasiadas vistas do mundo. Um dia, o papa Julio II, que lhe commettera a ingente empresa, logrou entrar a capella, em cujo tecto o artista embevecido pintava uma das suas Sibyllas. Presentindo o Pontifice, Miguel Angelo, do alto dos andaimes, onde trabalhava, atirou-lhe um sarrafo, que por pouco lhe não abriu a cabeça, felizmente para o artista áquelle tempo ainda não coroada com o halo da infallibilidade.

Sómente depois da final demão podem os olhos de quem admira subir para os prodigios da Arte. Por que?

Vanitas vanitatum, minha gloriosa patricia! Vaidade das vaidades, vos digo eu, com o conceito do Ecclesiastes. E minha vaidade é que, embora nisto, artistas, sois humanos, frageis da nossa mesma fragilidade.

Vanitas vanitatum! Não teríeis tido o meu testemunho si eu, mortal curioso e cheio de ancias por desvendar os segredos dos deuses, não houvesse ousado escalar o Olympio e galgar a altura onde, ainda em mollissimo barro, ia dormir o primeiro somno, á borda do Rio Negro, o homem possante do Veto! Não teríeis tido o meu testemunho para a perfeição de vossa obra, si eu, bem certo de que não vibraríeis o sarrafo punitivo, como outr'ora o vosso guedelhudo collega, não tivesse podido, graças a uma traição fraterna, perpetrar o delicto de minha curiosidade, reincidentemente violadora do vosso segredo.

«Cosa bella e mortal passa e non dura», ensinou ás gentes a avisada musa do Petrarcha. Foi assim com o busto do presidente, que, na noite de minha visita furtiva, debruçou sobre si mesmo a pesada e humida cabeça, no mais lamentavel desastre de que o *atelier* de Yayá Castro já foi scenario. E, si não *reversus in pulvere*, d'onde, no rigoroso inverno de agora, não podia, com amor á verdade, affirmar que elle viera, ao menos tornado ao bolão informe de argila de que o tirara a magia da artista brasileira, amanheceu no dia seguinte o busto presidencial.

Bem lagrimas causou o incidente. Que vale, no entanto, o caso, diante do segundo Epitácio, ora acabado, mais perfeito que o primeiro, quasi tão vivo como o do Catete, prompto a demonstrar o dominio desta artista maravilhosa sobre a sua grande Arte?

JOÃO DO LAGO
(*Virgilio Barboza*)



A tarde declinava sombria e doce. A politica, ha pouco, obsecara inteiramente as minhas idéas nos paroxismos tentadores de uma discussão de esquina. Estupidamente abandonei a pasmaceira e fui visitar um templo.

Antes de escalar o ultimo batente evoquei Murillo quando pela milesima vez osculou o quadro immortal da sua Virgem e procurei, como o grande pintor, descalçar as sandalias da profanação. Entrei serenamente na modesta tenda de Yayá Castro, a genial patricia que tem attrahido ao seu retiro de trabalho milhares de visitantes de olhos pequeninos, avidos e perscrutadores; os elogios á modelagem da artista de escól já haviam chegado aos meus ouvidos attravéz da discussão instructiva e proveitosa entre os immortaes João Leda e João da Ribeira. Julguei, ou melhor julgou a minha organização de leigo completo em assumptos de arte, de arte pura, de arte genuina, da arte de Yayá Castro a qual reputo a mais difficil de todas as artes, que tambem os meus olhos tinham o direito de se espriarem sobre a revelação da distincta compatricia. É atrevimento escrever, mas escrevo!

Lá estava o busto do velho Camillo.

pensativo como se tivesse acabado de traçar as paginas vivas da «Maria da Fonte» e de escrever trinta mil paginas contra o suicidio.

O glorioso escriptor luso está expressivo, verdadeiro, legitimo como o talento que possuo.

Os grandes vultos da esculptura talvez, não tenho memoria, não tenham produzido um Castello Branco tão exacto, tão perfeito, tão flagrante!

O visconde de Corrêa Botelho está esculpido pela mão divina de Yáyá Castro com uma nitidez impossivel de ser maior.

O cégo dos conto e nove impavidos marotos, naquelle momento em que Yáyá Castro o transportou para argilla bruta num arroubo subtissimo de talento, incarna a sua lidima expressão: «dei as costas ao cemiterio e voltei o rosto para as glorias da vida»...

Depois de admirar longamente o busto do classico da «Caveira da Martyr», joguei o olhar satisfeito sobre o mestre de «O Primo Basilio».

Se o Eça, no primeiro instante, foi um intruso na poderosa imaginação da artista de vocação nativa e que ainda não recebeu o menor influxo das escolas, elle, com a ironia da vaidade, de lá do espaço infinito, fluidicamente, venceu a inspiração da esculptora para ser a melhor concepção do seu genio fecundo!...

Alli está o Eça esculpido duas vezes; no primeiro busto encontra-se aquelle Eça alegre, expansivo, communicativo d'«A Re-

liquia »; no segundo é o homem roído pelo bacillo terrível, de phisionomia combalida, fugindo ao bulicio da cidade que tanto amára em busca de oxigenio nas campinas, tracejando com o pulso a trinta e nove, intermittenemente, as paginas ricas d'A cidades e as serras ».

Ainda uma vez, depois da morte, Eça de Queiroz triumphou nas mãos raphaelinas de Yayá Castro.

Adriano Jorge, o poderoso intellectual nortista, bandeira á cuja sombra vêm se desenvolvendo as esperanças do Amazonas mental, disse num discurso memoravel que pronunciou na « Academia Amazonense de Lettras », na sessão funebre com que esta collectividade homenageou a memoria do mavioso vate das « Cantigas », o seguinte: « o cerebro humano não morre, interrompe-se por alguns momentos » . . .

Parece justificada a minha affirmativa quanto a influencia espiritual do psychologo d'« A Illustre Casa de Ramires », na victoria inconcussa da sua modelagem.

O Dante, o formidavel florentino, com a sua doce e meiga Beatriz, tambem se acha esculpturado pela genial patricia, assim como Tagore o celebre poeta dos « Sonhos Azues ».

Deixemos passar a procissão immacula da Arte, da qual até aqui são romeiros sublimes, o Dante incomprehendido, o Tagore dos versos de oiro, o genial Camillo e o victorioso Eça.

Entornemos agora os deslumbramen-

tos do olhar sobre a argila que tem a configuração do exelso brasiiieiro, cujo nome se deveria declinar ajoelhado: Barão do Rio Branco.

A maior constellação que fulgiu no Itamaraty, encontrou quem a modelasse admiravelmeate bem, sem lhe roubar um traço, sem lhe alterar uma ruga; Rio Branco está transportado para a argamassa com uma exatidão indescrptivel.

Lá na Sala de Trabalho de Yáyá Castro, no seu recinto espiritual de onde fulgiram as lentejoulas e os damascos para ser o mais encantador de todos os recintos, está tambem o busto de Adriano Jorge.

Foi o primeiro trabalho da artista, um ensaio, uma tentativa que se aproxima da vontade de acertar; todavia não foi, como sempre se costuma ser, muito infeliz no primeiro passo...

O vôo foi desferido com exito, minha querida patricia, equilibre as azas para que o rheumatismo da indiferença não as faça dobrar na vertigem das alturas e perdoe a minha intromissão no seu divino sigillo...

Manãos, Março 922.

Otello Mavignier.

NUMA hora de ansioso inquerito e insatisfeita crítica de funcções sociaes, como a arte e a sciencia, por exemplo, se me interpellassem a cerca da vida intellectual do meu meio, que deveria dizer de um grupo de espiritos, nascidos sob signos de belleza, com destinos de realisações capazes de dar á mascarada multidão um sorriso ao menos de subtilima ironia?

Ainda não havendo queimado — tal qual o fez Diagoras, o Atheu, por sollicitações do estomago — a estatua de minha divindade, que é talvez a mesma divindade desse grupo, cabia-me repetir o que adiante á curiosidade de Ronald de Carvalho, visitando-o recentemente. Ao dar a meus contemporaneos as proporções, as côres, as attitudes que me offerecem crúamente á visão, dissera, em summa: — Defrontando-os, na mesma plana, reproduzem, para illustrar uma theoria mesologica, a feição da terra amazonica, no que ella tem de movimento e de estagnação. Vegetam estes como arvores de varzea a esborondar-se; agitam-se aquelles como torrentes sem alveos; decompõem-se aquelles outros como paludes. Mas esse vegetar inquieto, esse agitar-se, esse decompor-se não têm a

surprehendente, a deslumbradora grandiosidade que a natureza virgem nos exhibe, já num rebordo de ilha, já numa planicie alluvial, já numa reintrancia de lago. E a tragedia de cada espirito, porque solitaria, num scenario proteiforme, qual o nosso, não me estimula senão a faculdade hygienica do riso.

* * *

Não somos, evidentemente não somos uma geração de espiritos, com a missão consciente de revelar, de definir, de impor uma corrente de ideias e de acções, conduzindo-a, atravez do tempo e das positivas reacções da critica, para a surpresa, quando não para o estímulo, dos vindouros. Klinger não encontraria entre nós as personagens do seu drama; porém outro tanto não acontecera a Aristophanes. Portas a dentro da bibliotheca, sem as theorias e o material de qualquer dos mestres europeus, o historiographo que, pelo menos á feição de Sylvio, de Verissimo, de Ronald, pretendesse considerar-nos o nucleo, pasmára deante da fragmentação da nossa vida intellectual! E o que nos distinguiria, á lente do analysta, fôra apenas a similhaça da nossa existencia entediante, uniforme, achroma, e a dos Hospitaleiros de Aubrac, *in loco horroris et vastæ solitudinis*. Demais disso, comquanto sob a legenda mistificadora de uma Academia, nem temos palco, nem temos epocha, nem temos papel definido. Alheios á necessidade biologica da agregação, volunta-

riamente, systematicamente nos occultamos em furnas e torres impenetraveis, talvez na soturna attracção dos diamantes pela treva, talvez na angustia conturbadora d'esses vegetaes da mesma familia, de raizes e frondes impacientes por entrelaçar-se, mas isolados, em ravinna agreste, á phantasia de sementeador diabolico...

Quanto a obras, por onde nos tomem, certos, como Camillo, de que ha uma esterilidade fecunda, de tal maneira as conservamos ineditas que se é levado, naturalmente, a crer lá fóra que um só de nós, o sr. Raul de Azevedo, generosamente se nos adiantou, a ponto de representar-nos em blóco, num campo aberto a todas as temeridades literarias. Porque os nossos poetas pudicamente impõem ás Musas cintos medievaes de castidade, os philosophos agrilhoam os surtos aquilinos das Ideias, os romancistas empalham as singulares psychoses que observam, e os criticos preferem á funcção creadora que lhes cabe a «nobre arte de fossar». No entanto, gemeos dos «Amassadores» de Gorki, todos nós custodiamos uma Tania symbolica.

Ora, é numa sociedade que nunca fre-me, tomada de religioso enlevo, deante de todas as formas de belleza; é num dominio de espiritos insociaveis e cupidos, que não estimulam pelo exemplo e não norteiam nenhuma vocação artistica; é numa epocha vulgarissima que surge a figura de Yáyá Castro, imponente no relevo de sua

origem, livre no rythmo de suas attitudes. D'ahi a oportunidade deste gesto, acompanhando os que me antecederam na contemplação de sua Arte. Eu estava na sombra, é verdade, com os meus contemporaneos, cumprindo um destino de arvore, de torrente e de palude; entretanto, amando a Luz, por affeito á Sombra, minha sensibilidade se exacerbava morbidamente, a termos de polarizar-lhe todo um clarão de milagre.

Vi a artista, para além do estreito, do asphixiante horizonte que nos encarcera, e, tambem, de subito, ao prestigio de energias indisciplinadas, mas perturbadoras, a revelação de algumas figuras do meu templo interior. E essas figuras, cultuadas pelas multidões e pelos raros, por tudo o que ha de divino, de diabolico e de humano no que realizaram—aqui um Poema, allí um Romance, além uma Satyra—Yayá Castro as modelou em argila fragilima, sem saber que sua arte, quer illumine as orbitas de um busto, quer lhe afivelle a mascara subjectiva, poderia dispersar, com estranho fulgor e com calor estranho, a sombra glacial que seus contemporaneos elegeram. Singularissima aparição e singularissimo milagre!

O verbo dyonisiaco de George Sand declarára: «la femme sera toujours plus artiste et plus poète dans sa vie». E Yayá Castro o foi em sua Arte. Desde Polybo até Hyppolito-Taine, nenhum historiador pudera desprezar a influencia do meio, e

encarar na psychologia de um homem, sem lhe apontar as secretas, as indestructiveis relações com a psychologia de outros homens. Assim, modelos de mysticismo e de heroismo como Joanna d'Arc, em Orleans, Guilherme de Julliers, em Liéges, surgiram parallelamente com os grandes acontecimentos e os expoentes maximos do meio que habitavam.

Entre nós, contrariando essas leis, comuns á moderna sciencia da critica-historica, da monotonia da paizagem, da estagnação do momento, da indiferença dos contemporaneos surge essa predestinada modeladora de argila.

Nascidos d'entre seus dedos, eis que o Eça de Queiroz me assesta o monoculo, prompto a atirar-me aos pés o atomo do João da Ega; eis que o Camillo, derreado por vigalias fecundas, me considera a insolencia da admiração; eis que o Dante, enigmatico e tenebroso, como o monstro da estrada de Thebas, se me antolha á visão, tomada do encatamento paradisiaco da Beata Beatrice. Logo em seguida registro, indo de figura a figura, a linha de evolução, vertiginosamente gradativa, que parte do *icone* de Adriano Jorge, hieratico e maneado, como os *icones* da esculptura religiosa dos egypcios, passa por Eça de Queiroz—o Pequeno—, fremente de humorismo, pompeante de orgia interior, como os marmores a que o genio dos gregos transfundia o sangue dos atridas e a graça das bacchantes, e chega

ao vulto de Dante Alighieri, em que o «espírito da forma», que é a Belleza, no conceito de Jean Dolent, foi prodigiosamente fixado pelo pollegar energético, decisivo, realizador da artista.

Posto desse modo ante o que ha de extraordinario e de personalissimo em Yayá Castro, desvio-me da iniciadora, da professoral sombra de Helmholtz, em cuja companhia pretendia deduzir, levado da psychologia dos sentidos aos estudos artisticos, a precisão de tal curva e de tal sombra e de tal musculo...

Mas, afinal, de que natureza é esse milagre a cujo clarão allucinadamente escrevo?

Quer a exegese biblica, nas Origens, que a escultura seja criação da Divindade, e lhe dá procedencia sobrenatural; quer a lenda, pelas emoções que nos cria, que a escultura grega surgisse da melancolia de um gesto de Kora, a Noiva, filha do ceramista Debutades, e lhe regista um principio essencialmente humano — o Amor.

Acaso, porém, não me seria facil contrariar essas origens, á simples evocação da *Mystica diabolica* de Görres?

Porque, em verdade, sempre assignalei na escultura, como em todas as artes, um encanto eminentemente diabolico...

A meu ver o homem do Eden, que S. Paulo depois cognominou *homem animal*, á primeira florescencia de orgulho teria to-

mado ate lolo um pouco de barro e, plás-
mando-o, mantimamente se maravillhára ao
crear como os deuses a Belleza.

Que eu não procure, portanto, expli-
car o milagre que ora exalto «como acção
de uma potencia superior», divina, demo-
niaca ou humana, mesmo porque ainda é
com o lyrismo das canções e com o sym-
bolismo das lendas que os Hamlets expli-
cam aos Horacios os phenomenos do mun-
do psychico e do mundo physico.

Nunes Pereira



ORAÇÃO DE ESCULTOR

— « Feliz de mim, que, humilde e obscuro, soudo e vejo,
mesmo quando a illusão me abandona o seu beijo,
Natureza! o mysterio estranho em que repousas,
desde a nuvem rebelde á piedade das cousas!

Em noite immensa, em dia aberto em flôres de ouro,
impere a calma, atrôe no espaço infernal grita,
sinto rasgar-se em lava o negro sorvedouro,
sinto em tudo um fulgor de belleza infinita . . .

As confusões da Linha, em fremito e energia,
refervem dentro em mim, pedem côres e vidas . . .
E, a essa revelação de formas não vividas,
ha um labio que soluça em cada pedra fria . . .

Fujo a tanta grandeza . . . E, quando me desgarro,
sol divino me envolve e, em seus raios, me leva . . .
Que alvorada a fremir na amargura da treva!
Que sonho a palpitar na supplica do barro!

Ha vozes em surdina . . . Ouvindo-as commovido,
esta cheia de pranto, aquella de aureo orgulho,
numa escala sensual de sensações mergulho,
— de prazer a prazer, de gemido a gemido . . .

Ouçõ . . . E vejo atravez da queixa desvairada,
scenas tristes fluctuando em debuxo impreciso,
— um gesto que se foi no esvoaçar de um sorriso,
um beijo que morreu em bocca abandonada . . .

Tudo quanto se esconde, — a inercia e o movimento,
as forças a crescer no barulho dos mundos,
a harmonia da terra, o élo occulto do vento,
as luctas sem victoria, os desesperos fundos;

Tudo quanto apparece, — a planicie e a montanha,
o alvôr do ceu, o oceano em furia, as folhas mortas,
tudo resplende em ti, tudo de ti rebenta,
Linha! ó alma virginal que exaltas e confortas!

Yáya Castro

Dás o sopro de um deus á materia que dorme . . .
Moysés resurge e entreabre ao mundo os olhos baços . . .
Venus não vem do mar: boia de um blóco informe
e, alva e bella, sorri na pureza dos traços . . .

E's gelo e convulsão, quando o marmore falhas . . .
O'ra prendes á alvura a noite tempestuosa,
o'ra o incendio a fulgir em clarões de batalhas,
o'ra um seio de mãe nuns labios côr de rosa . . .

Recolhe a minha dôr! Mostra-me os teus segredos!
Na loucura de ideal, que te abate e transimuda,
para a ardente ascensão, desce, solenne e muda
Lança o fogo sagrado á neve dos meus dedos . . .

Dá-me luz! Dá-me luz! Deliro e resplandeço,
porque, na inspiração desta hora transitoria,
meu ouvido comprehende o silencio do gesso,
ó Linha, e meu olhar é um céu nadando em gloria!

Alvaro Maia.





Yayá Castro

A' YAYÁ CASTRO

Artista vigorosa e original,
E's tu Yayá.
Possúis o dom (primôr fundamental),
Que Deus aos genios dá.

Luiz Travassos.

Manãos, 14-1-1922.

HONRAMOS nossa edição de aniversário com photographias de trabalhos de Yayá Castro, a surpreendente modeladora que imprevisivelmente se revelou, num surto inedito em nossa vagamente esboçada historia esthetica, como uma artista completa, vibrante e originalissima no seu talento deslumbrador.

Quem attentar na obra maravilhosa de Yayá Castro e reflectir na repentina irrupção do talento victorioso dessa espontanea e estupenda artista, ha de sentir por torça a mesma impressão espiritual, que esmaga e domina a alma humana deante daquelles factos, que, por se não adaptarem aos mesquinhos e eternos *leit-motifs* de nossa vida quotidiana, avultam aos nossos olhos com a alarmante feição de — milagres.

Escapa-nos, fugindo ao esmiuçar imparcial da analyse e da critica, a essencia psychologica desse phenomeno, que descortina, aos nossos olhos assombrados, profundos e insondaveis abysmos luminosos no dynamismo cerebral humano.

Que energia latente era aquella, a palpar em potencial no cerebro de uma senhorita, que nem lhe suspeitava as prodigiosas vibrações, energia, que de improviso, como a um mysterioso «surge et ambula»,

entrou de manifestar-se em produções artísticas de tal natureza, de tão poderosa verdade anatomica, de tão empolgante expressão psychologica, de tão forte e primorosa saliencia esthetica; que immediatamente se sentiu Yayá Castro nimbada por um grande halo de admiração unanime?!

Que estro portentoso era aquelle, que enchia a alma ardente da artista e, num impeto galhardo de dominadora ousadia, começou de exprimir-se em verdadeiras Obras de Arte, dispensando mestres aquella intelligencia privilegiada, fazendo aquella creatura eleita prescindir de guias e supprir todas os falhas technicas e a ausencia de todas as indispensaveis noções scientifico-artisticas, pela acuidade incrível de sua penetrante observação e por sua positivamente miraculosa intuição das coisas superiores da Arte verdadeira?!

Porque o caso de Yayá Castro é precisamente este: — um formidável talento, uma vocação bellissima, uma estupenda capacidade artistica surgindo de repente e impondo-se irresistivelmente ao maravilhado assombro de quantos lhe contemplam os magnificos trabalhos de esculptura.

E isto só tem um nome; chama-se Genio.

Demais, por isto mesmo que nunca teve mestre, Yayá Castro não sabe de dogmas de Arte, de canones classicos, de sectarismos de escolas, guardando assim em plena ingenuidade e em plena belleza toda a radiosa originalidade de sua delicada e poderosa esthesia.



Yáyá Castro

Seu genio prodigioso responde victoriosamente á estreiteza das ideias de Taine, porque destroe as bases ethnico-psychologicas, sobre as quaes o grande pensador architectara a sua doutrina esthetica.

Uma vez ainda, em Arte, a equação pessoal é tudo.

E nenhum grande artista é possível, sem que dê á sua Arte o seu temperamento, a sua intelligencia, a sua sensibilidade, a sua Alma inteira enfim.

E Yáyá Castro, que já se deu fanaticamente a esse impulso d'alma, que lhe abriu os deslumbradores horizontes de um mundo novo, dedicando-lhe todas as energias de seu ser, é de facto uma Grande Artista, a quem não faltará dentre em breve a consagração da Patria.

(Da GAZETA DA TARDE).

Cartão de visita

*No album de Yayá Castro, excelsa
Artista que toda Manhães consagra e
admira.*

Bom dia, senhorita, neste instante,
Acabei de admirar o seu talento,
Se pudesse, o meu éstro, triumphante,
Ergue-lhe-ia, da Gloria, um monumento

Fiquei pasmado, extatico, radiante
Ao ver os seus trabalhos—um portento—
Vi bem de perto, Beatriz e o Dante,
Julguei falar-lhes—que deslumbramento!

Que Deus a guie, encantadora Artista,
Aos pincares da gloria—confirmada—
Na mais sublime e divinal conquista.

Pois, minha Lyra humilde e prazenteira,
Quer deixar bem patente e consagrada
A alma de Artista dessa brasileira.

Heitor Veridiano.

HA uma verdade palpitante no velho thema: os artistas nascem feitos. Brotam como uma força victoriosa da natureza, arrastando flammæ e mysterios com que nos deslumbram. E' difficil perquirir as origens do sopro creador, que lhes impulsiona as mãos, sob a inspiração do pensamento, em qualquer modalidade de Arte. Psychologos aventam leis que falham, scientistas imaginam principios que desapparecem, criticos levantam dagmas que se esborcinam, inexpressivos a factos inesperados.

Quem pôde definir o phenomeno prodigioso de Yayá Castro, que acaba de explodir em Manáos, num recanto isolado deste immenso paiz, e, de repente, atravessa as distancias e vae resoar, numa rajada de espanto, em centros de elevada cultura, sob o applauso admirado dos mestres?

Sem professores, sem escolas, sem modelos, sem livros, Yayá Castro, cedendo a uma irresistivel força interior, tomou num desses formosos dias de verão amazonico, um pouco de barro, até então adormecido á margem do rio indifferente. A' argilla silenciosa reservara a harmonia universal o milagre de falar pela crystallina combina-

ção das linhas e de fremir em vida pela divina piedade da fôrma.

Ao toque dos dedos febrentos, impregnados de um prestígio fascinador, surgiu um esboço, espontou um busto, esplendeu uma creatura viva, que parece viver á nossa esthesia assombrada.

Yayá Castro não estudou: obedeceu apenas á clamorosa imposição de sua intelligencia e, em seis mezes, executou obras, que outros não fariam durante uma vida de esforço pertinaz.

Não possui aquelle «paciente labor de buey manso del arte, que abria sus surcos siempre iguales, con una rigidez geometrica, sin el mas leve descuido, sin el menor intento de originalidade, a que se refere Ibanez em «La Maja Desnuda», mas o «alto d'ogoglio e di fede», que corôa «nella creta il sogno inespesso», de d'Annunzio.

E' uma vidente, que imprime ás suas creações um vigor psychologico sobrenatural e realisa este tremendo problema da esculptura, sem solução desde os aureos periodos gregos: dar olhar aos olhos das estatuas. Os olhos de Yayá Castro definem personalidades, exprimem momentos, fixam attitudes, vêm e falam. As gravuras acima, em que se vê a joven artista ao lado de Dante e Beatriz, Camillo, Eça e Barão do Rio Branco. dizem mais do que todas as palavras. Não é exaggero, entretanto, chamar attenção para o gesto de carinho e supplica de Beatriz, para a expressão de



Yáyá Castro

Dante, atormentada e indagadora, para o Eça da ironia atroz e da mordacidade implacavel e para o Eça humanizado, compadecido da ingenua ignorancia da gente humilde de sua terra, para o rosto de Rio Branco, de linhas firmes e audaciosas, interpellando, convencendo e dominando, e para Camillo, — o gigante da sensação na phase da decadencia physica, vergado ao peso da enfermidade dolorosa.

Yayá Castro revela-se por esses trabalhos, de aguda penetração psychologica, uma das mais singulares organizações artisticas deste paiz e um expoente representativo da mulher bresilaira.

(Da REVISTA A SEMANA, do Pará)



CONFORME promettemos no nosso numero passado, vimos agora des-obrigar-nos a cerca dos trabalhos de modelagem da insigne compatricia cujo nome epigraphamos acima.

Quiz uma influencia mysteriosamente extranha, que a propria natureza, como que tocada por uma inspiração Divina e intermediadora desta, se fizesse a mensageira de um diploma celestial, o qual, descendo dos altos céos, a fez milagrosamente pairar nas delicadissimas quanto meneadas mãos da senhorita Yayá Castro, a verdadeira sonhadora da arte e da esthetica e «do bello absoluto» — cuja phrase pedimos venia para aqui declinar — conforme disse que suas tão apreciadas palestras com o talentoso e elegante chronista de fino quilate, João Leda, o inexgotavel polemista illustre, e que sempre escreve sob o pseudonymo de João da Ribeira.

Realmente pelo que vimos, aqui podemos affirmar, que, a revelação de Yayá Castro, no finissimo rigor das linhas e das silhuêtas que contornam os perfis da sua modelagem impeccavel, segundo se vê nos respectivos bustos de Eça e de Rio Bran-

co, nesses trabalhos se verifica, que a nossa inspirade conceptora, se não tem a lição theorica e pratica dos verdadeiros modeladores da arte, entretanto orientou-a espiritualmente, o super-sabio dos sabios, conhecido philosopho do architecto do Universo, e grande redemptor e criador dos Mundos— o homem Deus! E assim foi que Yáyá Castro simplesmente á sòs em o seu gabinete de trabalho, já imitando, já comparando e mais maduramente meditando pacientemente no delineamento de uma modelagem pratica e apenas ajudada pela sua propria intelligencia della e espiritualmente de Deus, conseguiu a senhorita illustre, que, como um significativo preito de sincera homenagem aos seus admiraveis trabalhos, espontaneamente surgisse a proposito dos mesmos na arena da nossa imprensa indigena, dois illustres intellectuaes de pulso, João da Ribeira e João Leda, os quaes, em as suas impeccaveis tertulias seguidas de admiraveis contraditas e de constantes avanços em os seus technicos torneios litterarios espiritualmente admiraveis, (mas sem descalçarem as luvas!) tivessem por thema, primeiro: Yáyá Castro produzindo a obra; segundo, como consequencia desta, umas sublimes lufadas de idéas produzindo pensamento!

Já se vé pois, que a nossa talentosa artista da modelagem em torno dos seus trabalhos, tambem enfeitou-os com os enleios facétos dn imprensa, tanto no bello como no util e como no agradável!

São pois esses tres conjunctos que ele-

vam a esmerada modelagem os dois eminentes vultos da galeria artistica de suas patrias. São R. Branco e Eça. Elles deram, como acima dissemos, uns bellos dias de torneios litterarios, apenas provocados pelo genio revelador da Intelligencia e da cultura pratica, confeccionada apenas pelo engenho humano—a obra da mulher!

A *Evolução* felicita pois, a Exma. senhorita Yáyá Castro em vista dos importantes trabalhos, cuja exposição, levou o nosso Director pela sua vez a ir pessoalmente admirar-os; e aqui faz ao mesmo tempo os mais ardentes votos de muitas felicidades, por esse tão nobre sacerdocio que tão expontaneamente abraçou,—a modelagem pratica da Arte, assessorada apenas pela cultura e pela intelligencia; á senhorita Yáyá Castro.

Portanto, aqui nestas linhas, os nossos parabens.

(D'A EVOLUÇÃO)

UM ponto de vista que abria larga brecha entre a arte egypcia e a arte grega, quando se tratava de esculptura, no baixo e alto relevo, era, inquestionavelmente, o sentido da morte que os primeiros davam ás suas figuras, ás suas estatuas, e o sentido da vida, pelo movimento, pela belleza, que os segundos imprimiam aos seus deuses, aos seus heróes, aos seus martyres. Na plastica hellenica, bebida na perfeição physica, ha o nervo repuxado, a carne retrahida, o musculo palpitante. Advinha-se no peito largo daquelle «Discobulo», no momento contrahida de arremessar o disco, um coração batendo. Por trás dos paineis de carne das pernas, dos braços, do ventre, dos flancos, corre o sangue vivo, quente, vermelho. A brancura do marmore, como num sonho, tráe a realidade, o calor, o colorido vital que a figura encerra. O arremesso do Gladiador Combatendo dá tambem idéa segura de vida nessa estatua, toda jogada para frente num impulso brusco e decidido. Esse sentimento de dynamica e energia que o artista creador transfere para o barro ou para a pedra, insuflando pelo contacto dos dedos, pelo toque do buril, pelo bater do escopro a chamma ardente da vida num blóco inani-

mado, frio, morto, vale pelos sentimento artistico, que concebe, molda e anima com o sopro sagrado. Por que semelhantes considerações? E' que uma noite, ha cinco mezes talvez, num café de Manãos, estavam eu e o Pericles Moraes gosando a brandura da atmospherá na admiração das volutas azues da fumaça dos nossos charutos, quando nos appareceu, de repente, o dr. Adriano Jorge, medico illustre, presidente da Academia Amazonense de Letras e o maior orador, talvez do norte do Brasil. Sentou-se, com aquelles modos bruscos, e logo communicou ao que ia. Desejava que nós vissemos alguns trabalhos de esculptura de uma artista espontanea, que moldava as suas figuras com a mesma innocencia com que o passaro canta, ignorando se existiu um mestre para Praxiteles e se ha uma escola de Bellas Artes. Fômos. Um luar de Equador caia sobre a terra, transformando o pardo do sólo numa brancura de estepe. Subimos a um sobrado os tres e nos achamos numa sala modesta, cheia de poltronas e flôres, onde se encontravam varios bustos. Entre elles, com a mais alta perfeição, resaltavam os de Eça de Queiroz, de Camillo Castello Branco e do Il Paranhos. A artista que os plasmára, a senhorita Ubaldina Castro, da alta sociedade amazonense, entrou, airosa e distincta, sendo-nos, então, apresentada pelo dr. Adriano Jorge. Cortezias, ceremonias do costume e afundamos nas poltronas. Começou em seguida esse homem privilegiado que é Adriano Jorge, innegavel-

mente uma das mais interessantes orgaui-
zações da literatura nortista, a explicar que
a artista que viamos alli produzira aquella
obra sem estudos, sem guia, sem escola.
Pegou certo dia num blóco de barro, amas-
sou, deu-lhe fórma, expressão e vio, admi-
rada ella mesma, que tinha ante seus olhos
o busto fiél do Barão do Rio Branco.
Aquelle bigode farto, aquella calva bem
larga, aquella despreocupação no traje,
que transformava o diplomata lucido num
burguez, aquella olhar penetrante, o mento
redondo, o conjuncto flagrante, emfim da
phisionomia, lembrava com a mais segura
nitidez as linhas do chanceller. Mais adi-
ante o do Eça, com o riso sarcastico, os
dentes meio descobertos, o monoculo, o
plastron, a elegancia da roupa, a physiono-
mia satyrica e humoristica, deixando entre-
vêr nas dobras da face o autor d'«O Pa-
dre Amaro» e d'«A Reliquia», d'«O Primo
Basilio» e d'«Os Mais». De todas as esta-
tuetas do grande escriptor portuguez que
rolam por ahi, inclusive a minhh, aquella
presente era a que mais se approximava
da realidade. Um vago humorismo a lhe
boiar nos labios dava-me a idéa de que
elle acabára de escrever aquellas cartas
admiraveis e demolidoras de graça, lá do
seu consulado, na Inglaterra, ao Pinheiro
Cnagas. Seguidament: principiamos a ex-
aminar o busto do Camillo, meio acurvado,
trahindo o alquebramento do corpo não
sómente pela inclinação, mas pelo olhar já
meio apagado, denunciando o principio da
vida triste que o havia de levar ao suici-

dio. Uma pessoa bem intencionada, com pruridos intellectuaes, não descobriria na figura, aliás flagrante de semelhança com o velho Camillo, o ar combativo do pamphletario da «Bohemia do Espirito», que discutia com padres e doutores, que criticava princezas e comborças com aquella saraivada de dichotes, arrancados á Biblia, ao monturo, aos classicos, ao povo, ao «Flos Sanctorum», a historia, ao direito, á sciencia. Os retratos do prosador d'«A Corja» são assim mesmo inexpressivos. Sua apparencia dura e fôska escondia sempre o brilho, a leveza, a finura do intellectual que fazia jogos floraes com a palavra, que enrodilhava o adversario, que esmagava, veneia e triturava o contendor. Todos nós olhavamos calados aquella triade de homens culminantes entre os dois povos. Estavamos abstractos, reflectindo cada qual no sentimento literario que os bustos invocavam. Eu comecei a fugir da impressão intellectual, que as figuras transmittiam, para attentar exclusivamente no trabalho da esculptora, tallado sem guiá, modelado na massa escura do barro com o simples instincto do iniciado na arte, mas que abre no recorte da face da figura, pela curva e pelo angulo, a physionomia peregrina e real. Porque a esculptura, não devemos esquecer, mais complexa, mais inviavel que a pintura, é um trabalho nú, sem o recurso decorativo do quadro, do painel, do triptico, sem o auxillo do colorido, das meias tintas, que nos attrahem. Quem pinta recorre aos accessorios: ar, perspectiva, luz, corti-

nas. Quem esculpe conta apenas com a figura central, isolada. Quando se vê um quadro, o olhar se derrama pela moldura, pelas tintas, pelo fundo, pelos contornos. Ao contrario se dá com a estatua. A nossa vista se coucentra unicamente num vulto, arrancando a semelhança ou não pelo conjunto, antes mesmo de pensar no detalhe do pé, do braço, da attitude. De sorte que aquelles tres bustos nús de outro qualquer recurso que não a semelhança extraordinaria com os originaes, jogavam, de repente, para a fama uma artista extraordinaria, que esculpe com a mesma naturalidade e perfeição com que a flôr dá o perfume. Depois daquelle enlevo saimos. Per fim, quasi livres da emoção das figuras que dos faziam andar, em espirito, em torno de Phidias e Rodin, relembrando deuses e caryatides, o Pericles me perguntou, então? Confundido, respondi. Sem mestre, sem escola, sem guia sequer, produzir aquelles documentos de perfeição e semelhança, já é privilegio, dom da natureza, inspiração de Jvpiter.

RAYMUNDO MORAES.



UMA FESTA DE ARTE

Esteve verdadeiramente encantador, o festival artístico que a Academia Amazonense de Letras promoveu, na noite de ante-hontem, na



séde do «Ideal Club», em homenagem á talentosa escultora melle. Yayá Castro, que se retira brevemente para a metropole da Republica.

O brilhante sarau teve o valioso concurso da Sociedade dos Concertos Populares de Manaus e de varios elementos de exito do nosso meio artistico.

A' hora propria assumindo a presidencia

da linda festa, o sr. dr. Ribeiro da Cunha, venerando e illustre vice-presidente da Academia de Lettras, explicou, em eloquentes e elevadas palavras, os propositos da mesma douta corporação, homenageando o talento da consagrada artista cujo engenho se manifestou entre nós, verdadeiro, real e indiscutível.

A orchestra do distincto maestro Ed. Boni havia, momentos antes, com a correcção já conhecida, executado com harmonia *Poete et Paysan*, de Suppé, provocando quentes e duradouros applausos da assistencia.

Fallou a seguir o sr. dr. Adriano Jorge, pronunciando um formoso discurso sobre a sympathica e insinuante individualidade da gentil homenageada, discurso que empolgou completamente o culto e numeroso auditorio.

O orador foi saudado, ao terminar, por uma forte salva de palmas.

As senhoritas Marietta e Luiza Freitas, cessados os applausos, pronunciaram duas emocionantes saudações á senhorita Yáyá Castro, provocando applausos dos assistentes.

A orchestra voltou a deliciar a assistencia selecta. executando, em cordas afinadissimas, *Rêve*, d'Ambrosio.

Foi o numero do programma que agradou extraordinariamente os assistentes.

Coube á talentosa senhorita Ecilda Silva a execução da sempre applaudida serenata hespanhola de Buzzi Peccia. Pagina de canto onde resumbra a doçura melodica, não exclue contudo certas difficuldades na passagem, ás vezes brusca, dos graves para os agudos, obrigando a interprete a recorrer a uma discreta vocalisação. A senhorita Ecilda, porém, cerrespondeu com brilho á exigencias do trecho, ouvindo ao terminar merecidas salvas de palmas.

O V numero de programma coube á execução de *Pizzicato*, de A Thomas, pela orchestra, execução que valeu por um completo successo, grandemente partilhado pelo brilhantismo com que foi dirigida pelo provector director artistico

da Sociedade dos Concertos Populares de Ma-
nãos.

Seguiu-se a este numero uma parte de
canto confiada á gentii melle. Louise Boni, com



acompanhamento de piano pelo maestro Ed.
Boni: a) *Pensées d'automne*, de Massenet; e b)
Je voudrais, de Barbirolli.

A gentil virtuose deu cabal desempenho ás
difficeis e formosissimas paginas dos dois con-
sagrados mestres, cantando-as com encantadora
graça e suggestionando a assistencia com a sua
dicção clara. empolgante a par de um phrasea-
do de quem sabe o que está fazendo.

Um vivo e forte movimento de enthusias-
mo, por parte do publico explodiu no salão,
ovacionando a graciosa cantora.

Coube a exma. sra. dona Rosa Magalhães encerrar a linda festa, cantando *Ninon*, de Paolo Tosti, e *Musica Proibita*, de Gastaldon, com acompanhamento proprio, ao piano.

Voz segura, modelada com correcção e relevo brilhantissimos, a distincta senhora cantou com grande expressão, arrancando dos assistentes prolongadas e fortissimas salvas de palmas.

Teve o festival um encerramento digno do encanto que produziu na selecta e numerosa assistencia que compareceu ao « Ideal Club », assistencia onde notamos uma grande parte das mais distinctas familias da cidade.

O exmo. sr. desembargador Rego Monteiro illustre governador do Estado, correspondendo ao convite da Academia Amazonense de Letras; fez se representar pelo sr. tenente coronel Manoel Antonio de Carvalho, seu ajudante de ordens.

A séde do « Ideal Club » estava brilhantemente illuminada e ornada de formosas e odorantes flores.

O « Athletico Rio Negro Club », offereceu a homenageada um lindo aça-fate de flores naturaes, por intermedio do sr. Americo Rebello.

A Academia de Letras offereceu ás senhoras que tomaram parte no festival, bellos ramalhetes de rosas vivas.

No salão principal estavam em exposicão os trabalhos da talentosa escultora, trabalhos que mereceram os mais rasgados elogios das pessoas presentes á festa.

Ao terminar esta, foi a senhorita Yáyá Castro vivamente felicitada por todas as pessoas que assistiram ao sarau.

**

Os trabalhos de escultura da senhorita Yáyá Castro estarão expostos no salão principal do Ideal, de hoje até domingo, das 8 ás 11 horas da manhã e das 3 ás 6 da tarde.

(Da A IMPRENSA).

Yáyá Castro

BEATRIZ

Ante o grupo em terra colta — Dante e
Beatriz — de Yáyá Castro.

Amavel, brilhará — no tempo, redivivo,
O gesto que plasmou, na greda vil, a graça
Do Sonho, a memorar a dantesca desgraça,
— Pensativa, Beatriz olhando o Pensativo —

Adagio do Desejo, o doce Ideal, esquivo
E eterno, ao resplendor da Arte eterna, perpassa,
Querençoso, no olhar e no cenho que embaça
A tortura de ser menos homem que divo!

Sábias, esplandecendo em éstos de piedade,
Afflictas mãos de maga — expertas e compridas!
Creastes, maternalmente, a illusão da bondade .

E á vossa exaltação, dos íntimos degredos,
Dirão, sem esperança, as almas succumbidas:
— Bemditas mãos, a Dor sorriu nos vossos dedos!

Raymundo Monteiro.

Intendencias Municipaes

MANAOS

Lei n. 1.128 — de 29 de Março de 1922

Autoriza o Executivo Municipal a auxiliar á Senhorita Yayá Castro com a quantia de 5:000\$000 para esta desenvolver e aperfeiçoar a sua inspiração artistica, e dá outras providencias.

SERGIO RODRIGUES PESSOA, Presidente da Intendencia Municipal de Manáos, etc.

Faço saber que a Intendencia Municipal, em sua primeira reunião ordinaria, decretou e eu promulguei a seguinte

LEI:

Art. unico.—Fica o Executivo Municipal autorizado a dar á Senhorita Yayá de Castro (Ubaldina de Castro) a quantia de cinco contos de réis (5:000\$000) para desenvolver e aperfeiçoar a sua inspiração artistica, no ramo de esculptura, num meio conveniente, aberto no orçamento em vigor o credito necessario e revogadas as disposições em contrario.

Paço da Intendencia Municipal de Manáos, 29 de Março de 1922.

(a) SERGIO RODRIGUES PESSOA.

Publicada a presente lei nesta Secretaria da Intendencia Municipal de Manáos, aos vinte e nove dias do mez de Março do anno de mil novecentos e vinte e dois.

O Secretario,

(a) Octaviano Silveira.





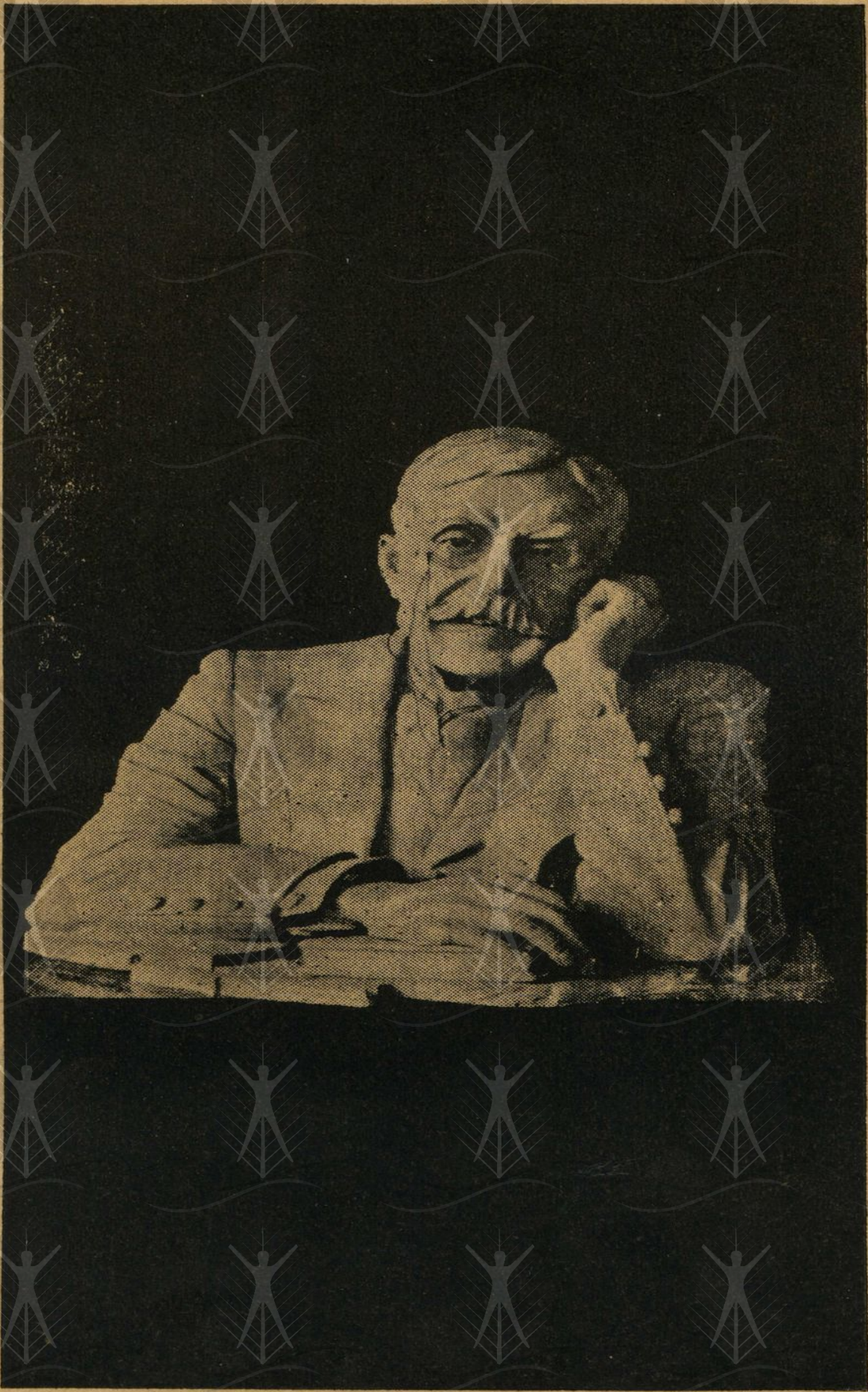




































IMPRESSO
na Typographia do
A. e M.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA